

# IV Coletânea Poesia de Quarta



Com o espírito, critérios e procedimentos sempre adotados, a presente 4ª edição contou com 42 poemas inscritos, oriundos de 10 estados do Brasil.

Outro dado que chama atenção é que mais da metade dos participantes são autoras e autores de comunidades atendidas pelo IFPB e IFPE, demonstrando de maneira indelével o caráter extensionista da presente ação cultural.

Por fim, contando com um alto nível de pontuação obtido após avaliação feita pela comissão avaliadora, 20 poemas foram selecionados para compor a IV Coletânea Poesia de Quarta.

## Organizadores

Daniel Everson da Silva Andrade  
Diego Nogueira Dantas

## Colaboradores

José de Arimateia Tavares  
Rayssa Vitória Santos do Nascimento  
Wagner Chrystoph Morais Lima

## IV Coletânea

# Poesia de Quarta



COLETIVO POESIA  
DE QUARTA

Pesqueira-PE  
2024



## Organizadores

Daniel Everson da Silva Andrade  
Diego Nogueira Dantas

## Colaboradores

José de Arimateia Tavares  
Rayssa Vitória Santos do Nascimento  
Wagner Chrystoph Morais Lima

## IV Coletânea

# Poesia de Quarta



COLETIVO POESIA  
DE QUARTA

Pesqueira-PE  
2024



DIAGRAMAÇÃO E ARTE DA CAPA  
Daniel Everson da Silva Andrade

REVISÃO

José de Arimateia Tavares

COMISSÃO AVALIADORA

Glazianne Albuquerque Lacerda de França  
Pamela Lopes Diniz Silveira  
e Wagner Leal Guimarães

Este livro foi produzido através do projeto de extensão IV Coletânea Poesia de Quarta, inscrito no (EDITAL PROEXO/IFPB N° 01/2024), em parceria com a Biblioteca Profª Maria do Rosário Sá Barreto (IFPE Campus Pesqueira).

Catálogo na fonte  
Daniel Andrade  
CRB-4 PE-001871/O

IV Coletânea Poesia de Quarta /  
Organizadores Daniel Everson da Silva  
Andrade e Diego Nogueira Dantas. - 1 ed.  
Pesqueira: Coletivo Poesia de Quarta.  
58 p.

ISBN: 978-65-01-21268-5

1. Poesia. 2. Extensão Cultural 3. IFPE 4.  
IFPB I. Título.

CDU B869.1

## POESIA AQUI, ACOLÁ, ALHURES...

O Sarau Poesia de Quarta é uma ação continuada de extensão cultural, germinada em 2018 na Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) – Campus Cajazeiras, com o intuito de fomentar um espaço de diálogo entre poetas de Cajazeiras e regiões circunvizinhas. Como procedimento de uma ação extensionista, foi realizada uma busca de parceiros sociais, que convencionalmente chamamos de “membros externos”. Externos porque estão além-muros do Campus Cajazeiras, no entanto, jamais devemos considerar essas paredes como empecilho físico e simbólico para o desenvolvimento da missão institucional de uma instituição educacional, que é justamente integrar-se a sua comunidade local, regional, nacional.

Nessa perspectiva, um parceiro de todas as horas apresentou-se para a cena: o Núcleo de Extensão Cultural da Universidade Federal de Campina Grande - Campus Cajazeiras (NEC/CFP/UFCG). Com nosso Núcleo de Comunicação, Cultura e Artes (NUCCA/IFPB) já consolidado, começou-se a realização dos saraus

poéticos nas dependências do NEC, no centro de Cajazeiras, um prédio por si marcado pela história e pela arte/cultura do sertão paraibano. Uma das marcas deste processo, presente até hoje, é a diversidade do público envolvido, reunindo um conjunto de poetas dos mais diversos estilos, gêneros, idades e escolaridades. Isso refletiu num potencial avassalador de possibilidades para um trabalho de integração e diálogo, sempre na perspectiva de ampliação e difusão cultural.

O encaminhamento natural foi o nascimento, em 2019, da Coletânea Poesia de Quarta, o primeiro concurso de poemas do “Sarau Poesia de Quarta”. Desde então, sempre considerando os princípios já ditos, foram realizados três concursos, culminando com o mesmo número de coletâneas, todas publicadas na página do NUCCA, no portal institucional do IFPB. O processo é feito a partir de inscrições de poemas, com a análise e avaliação feita por uma comissão específica formada por poetas de diversos matizes, considerando aspectos como originalidade, inventividade na forma e no conteúdo, além de adequação ao gênero literário. Saliente-se que a avaliação é feita em caráter anônimo, sem a identificação dos inscritos.

A partir do período de isolamento social e da imperiosa utilização de novas ferramentas de tecnologia e informação, tanto o sarau quanto o concurso ganharam novas formas, sabores e regionalidades. Com o processo de divulgação totalmente informatizado e a consequente ampliação da capilaridade de atuação de nossas instituições e coletivos culturais, poetas de várias partes do país passaram a submeter seus poemas. Apesar do foco nas comunidades atendidas pelos organizadores, essa participação diversa é vista como muito benéfica e louvável para a teia de relações e produção cultural que se pretende consolidar com o projeto.

Logo em seguida, em 2023, um novo parceiro social entrou em cena: a Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE) - Campus Pesqueira, que consolidou uma trinca de instituições que organizam mobilizam suas comunidades para os concursos da Coletânea Poesia de Quarta: IFPB, IFPE e UFCG.

Com o espírito, critérios e procedimentos sempre adotados, esta 4ª edição contou com 42 poemas inscritos, oriundos de dez estados do Brasil. Outro dado que chama atenção é que mais da metade dos



participantes são autoras e autores de comunidades atendidas pelo IFPB e IFPE, demonstrando de maneira indelével o caráter extensionista da presente ação cultural. Por fim, contando com um alto nível de pontuação obtido após avaliação feita pela comissão avaliadora, 20 poemas foram selecionados para compor a IV Coletânea Poesia de Quarta.

Mais um marco do processo extensionista está sendo feito, evidenciando o comprometimento de pessoas e instituições com o desenvolvimento cultural e regional em sentido horizontal e popular. A 4<sup>o</sup> Coletânea Poesia de Quarta já é realidade e certamente permanecerá presente aqui, acolá e alhures, com a pretensão de despertar, colaborar e incentivar a prática da poesia tão cara àquelas e aqueles que movem-se pela linguagem das palavras, ritmos e imagens.

A todas, a todos... boa leitura!

**Diego Nogueira Dantas**

*Os poetas*

DAVID MACIEIRA  
KÉSIA VANESSA NASCIMENTO DA SILVA  
IVALDO JOSÉ DE AGUIAR JÚNIOR  
WLISSÉS GUIMARÃES SOUZA  
GILSON FRANÇA GOMES  
CIRO LEANDRO COSTA DA FONSÊCA  
REGINA BEZERRA PEREIRA LIRA  
KELDERLANGE BEZERRA ALVES  
ANA JESSICA DA SILVA  
CARLOS GILDEMAR PONTES  
MARIA DO DESTERRO MEDEIROS  
GABRIEL COSMO DE SOUSA  
LEONARDO ASSIS DE ALMEIDA  
MACIEL HENRIQUE CARNEIRO DA SILVA  
ARIEL GUILHERME SANTANA TAVARES DE SOUZA  
VALDERICE AMORIM DOS SANTOS  
MARIA CLARA RAMALHO MEDEIROS  
ERIVAN LOPES TOMÉ JÚNIOR  
ALEXANDRE DOS SANTOS SOUZA  
LIDIANE CRISTINA FÉLIX GOMES

*Os poemas*

## INTENSO

Intenso, como fogo queimando em oxigênio  
Como água desabando em cachoeira  
Como luz brilhando em escuridão.

Ser intenso é aplicar sobre coisas,  
Desde as mais simples,  
Uma força que nos motiva a querer.

Te quero tanto que embarcaria em um navio de papel  
Em meio a um oceano de águas turbulentas  
Sem medo de me molhar  
Sem medo de afundar  
Sem medo de me afogar.

Caminharia em um rio de lava  
Com pés molhados,  
Evaporando gotículas de amor.

Escalaria uma montanha  
Amarrado em veias que transportam o sangue  
Que fazem meu coração bater por ti.

No exagero de minhas palavras  
Esse surreal não me incomoda  
Não me abala  
Não me afeta.

O que seria do amor se não fossem os exageros?

Amar é exagerar  
É pôr para fora tudo que há de bom por dentro;

É transferir para o outro o intangível;  
É tocar com a alma;  
É sorrir com os olhos;  
É sonhar acordado.

Porque o amor só serve se for profundo  
E na profundidade, se pode mergulhar  
Sem medo de estar vazio.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> **David Macieira:** é natural da cidade de João Pessoa-PB. Apaixonado pela escrita, incorpora elementos da cultura nordestina em seus poemas, valorizando as tradições e a riqueza cultural da região. Seus trabalhos são frequentemente compartilhados nas redes sociais.

## DADDY ISSUES

Acordei zonza.  
Estive passeando pelo tempo.  
O passado se atreveu e  
quis de mim, respostas.

Tola.  
Resisti à ferida alimentada pelo cronos.  
A ausência cria monstros.  
A ausência bloqueia a chegada dos anjos.  
A ausência diz não ao homem.

A ida sem volta,  
A indiferença no cotidiano,  
A mensagem nunca recebida e  
o parabéns não dado  
também me modelaram.

Pronto.  
Já temos a peça.  
Com ele, é apática e descrente.  
Com ela, é amorosa e entregue.  
Afeto seletivo?  
Não.  
Pai ausente.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> **Késia Vanessa Nascimento da Silva:** é professora de língua portuguesa. Apaixonada por música e cinema desde a infância, a linguagem artística sempre esteve presente em seu dia a dia. Possui inúmeras publicações de cunho teórico, mas o desejo em contar suas histórias sempre esteve vivo. Explora temas intimistas e retrata situações cotidianas, aparentemente banais. Acredita na experiência individual para refletir sobre questões da condição humana e a busca por sentido na vida.

## AS RUAS QUE TRAFEGAMOS

As ruas que trafegamos  
no mei da nossa cabeça  
tem o que adaptamos  
que se lembre ou esqueça  
e moldam o que sentir  
as dores do 'se não ir'  
quando si'stá instigado  
ou riso quando contente  
contemplaçãõ do presente  
nos refúgios do passado

As ruas que trafegamos  
retém o que nos aquece  
fortalece i'enfraquece  
o pulso quando rasgamos  
quando paramos o medo  
e as chaves do segredo  
tem muito do que mereça  
menos do que se previa  
gostos da noite'edo dia  
tardes antes que'amanheça

Não durmas fique acorde-se  
lembranças d'orvalharia  
vá, sinta bem, rememore-se

dos tempos de rebeldia  
das horas da desavença  
e de dúvida na crença  
tal mar no qual afogamos



tal chão que'ao passo se curva  
e'o horizonte se turva  
nas ruas que trafegamos.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Ivaldo José de Aguiar Júnior: Desenha desde que se entende por gente e permanece. Em algum momento do percurso foi apresentado à poesia e pouco a pouco vem praticando e estudando. Noutro momento enveredou no cinema e nas artes de imagem em movimento, roteiros e sons. Pratica a música para respirar.

## O AMOR COMO TESE

Você é meu melhor projeto  
o que de mais tenho concreto  
para problematizar.

Não tivemos fundamentos,  
mas tenho mil argumentos  
para nos justificar.

Hipotetizo a cada dia  
como minha vida seria  
sem a tua te encontrar.

Nessa vida louca e dura,  
nosso laço de candura  
não desata sem machucar.

Algo tão subjetivo,  
por assim eu qualifico  
o que tenho a pesquisar.

Sem percurso metodológico  
somos par complexo e ilógico  
Sem anexos e um apêndice  
SOFIA para nos referenciar.

Só no fim a gente sente  
aquilo que a mente mente  
devemos continuar.

E coletando dados do tempo  
vou espaçando em fragmentos

algo pra sintetizar.

A priori categorizo  
tudo que tem sido meu riso  
e concludo sem hesitar  
*ad aeternum* irei te amar.<sup>4</sup>

---

**4** **Wlisses Guimarães Souza:** é professor de Química do IFPE, campus Vitória de Santo Antão e apesar de ser filho de artistas, esposo de uma arteterapeuta, genro de uma atriz amadora, pai de um compositor e de uma cantora mirim; viu a poesia se aproximar na meia idade por necessidade de externar (e/ou exorcizar) sentimentos profundos que, de outra forma, não seriam tão nítidos. Chegou, segundo ele, despretensiosamente como inquilina, mas já tomou posse por usucapião.

## INDO E VINDO INFINITO

Estamos em comunhão num sopro azul ondulado  
Aqui, todos os corpos têm um lugar ao sol  
De frente para o mar!  
A alquimia solar transforma pele em bronze, areia em ouro  
Coalho na brasa, cerveja gelada e água de coco.  
Ah, como eu queria um banho dessa cor salgada todos os dias...  
Iemanjá a mim inspiraria a compor frases com sentido  
Porque não é no dia que está a beleza,  
mas no que é sentido.  
Na correnteza me chamando para entrar  
só para formar uma onda e depois me mandar embora,  
Mas eu não vou.  
Sigo flutuando nos altos e baixos da maré  
Apagam-se pegadas, juras de amor, castelos de areia  
com lado azul da borracha do tempo,  
Meninas e vovós passam diante dos meus olhos.  
Pais brincam como filhos  
Filhos descobrem a areia  
como os primeiros peixes que saíram do mar  
Foi aqui que tudo começou  
É aqui onde tudo vai dar.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> **Gilson França Gomes:** é um escritor paraibano e professor de inglês, mas sua produção escrita se concentra em explorar as formas da língua portuguesa. Além de poemas, também já escreveu diversas crônicas e contos, publicados por meio de *newsletters* ou em suas redes sociais. São textos que contemplam a condição humana a partir de uma perspectiva que mistura aspectos psicológicos e espirituais dos seus personagens.

## OS VERDADEIROS OLHOS

Os olhos do coração  
Veem o invisível,  
Escutam o indizível,  
Auscultam o que sente a alma.

Na era da comunicação  
Estes olhos estão cansados.  
A vista embaçada  
Pelo brilho intenso das telas.

Eus virtuais escondem a alma humana.  
Avatares humanos se cruzam  
Mas não se enxergam como humanos  
Cheios de sonhos, de dores,  
Carentes do verbo  
Feito da verdadeira carne humana.

Falar, ouvir, sentir,  
Verbos em desuso.  
Mudez, surdez, cegueira  
Diante dos valores essenciais,  
Dos sentimentos que nos fazem gente.

Homens máquinas,  
Sorrisos automatizados.  
Máquinas de imagens  
Escondem a verdadeira face humana.  
Mas à alma não serve  
Nenhum photoshop.

Treinado para esconder os sentimentos incômodos,  
O homem finge uma felicidade estática.  
Suas dores, angústias existenciais,  
Questionamentos, temores,  
Iras, ódios, amores,  
Divergências,  
São ofuscados pelo brilho de uma tela.

A solidão dos momentos difíceis  
À espera de um ouvido real,  
De uma voz de consolo,  
De um olhar que enxergue  
A essência da dor.  
Momentos em que precisamos  
De uma rede social real,  
De amigos que não apenas curtam,  
Mas compartilhem momentos,  
Dividam angústias,  
Suavizem o fardo.

Deixar apenas os corpos se entender  
Com outros corpos,  
Como poetizou Manuel Bandeira,  
Porque as almas são incomunicáveis  
Não dá sentido às relações humanas.  
É preciso transcender o limite físico,  
Alcançar a alma,  
A real identidade  
Tão difícil de ser construída  
Neste mundo líquido  
Como refletiu Bauman.

As almas são sim, comunicáveis

A interação entre os sentimentos,  
Entre a inteligência dos corações  
Consiste na verdadeira comunicação.

O homem primitivo  
Desenvolveu a linguagem  
Para expressar os seus sentimentos,  
As suas necessidades,  
Não só de comer, trabalhar,  
Dormir.  
Mas de sentir,  
Amar, temer,  
Ter fé,  
Pertencer.

As figuras rupestres já mostravam a alma humana,  
O pulsar de um coração de carne viva.

Luzes, telas, brilhos,  
Tentam esconder alma,  
O desassossego,  
As boas e as más paixões,  
A matéria-prima do que nos faz gente.

O olhar cansado  
Pode ainda enxergar a luz.  
Abrir os olhos para a degradação humana,  
As guerras, a intolerância,  
Apurar os ouvidos para a melodia da vida,  
A poesia do ser.  
Combater o barulho ensurdecido dos paredões,  
O brilho nefasto das baladas que cega o olhar sensível,

A maior riqueza do homem:  
Seus verdadeiros sentimentos.

Sentir, sinestesia suprema,  
Os verdadeiros olhos  
Veem a alma,  
Percebem o pulsar da existência  
Em seus sabores e dissabores.  
Também mostram o brilho,  
Aceso ou ofuscado,  
Da chama da vida.

Espelho da alma  
Onde o homem enxerga  
E se enxerga.  
Os olhos da alma  
Cativam,  
Tecem um laço  
De amor e compreensão,  
De alteridade,  
Irmanam os que sofrem.

Esta é a função vital  
Dos verdadeiros olhos,  
Órgão não apenas físico  
Do sentido da visão.  
Mas, sinestesia sensível  
Visão do coração.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> **Ciro Leandro Costa da Fonsêca:** é doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, com bolsa CAPES/FAPERN. É poeta, escritor, estudioso da cultura popular nordestina, bem como biógrafo e pesquisador das histórias de vida dos agentes das culturas populares.



## ASSOALHO

Ela entrou no salão de dança vazio  
e o encheu de sons;  
Pegadas, madeira rangendo entregando  
a idade ainda em que havia sido talhada.  
Eu estava literal, bem ali, pregada.  
vendo, ouvindo e sentindo os pés sem raízes  
vindo em minha direção;  
então é aqui que "de tarde estremeço"?  
Ela também entrou bem aqui dentro de meu peito,  
salão vazio, e o esborrotou dela mesma...  
Precisei de sutura, eu lembro!  
ainda consigo sentir a cicatriz  
do buraco por onde ela passou;  
olha aqui o estrago ó!  
Toca!  
Sente?  
Ah, eu sinto...  
Ela, país, eu turista, com passagem na mão  
e bagagens abertas por todos os cantos  
do cedro envernizado que ela gostara tanto.  
Lá estava eu desnorteada seguindo a ponta do nariz dela,  
imaginando quantas noites levaria  
para reproduzir um rascunho medíocre do todo, daquele  
conjunto orquestral sinfônico  
angelical montado acima de seu pescoço...  
E quantas noites eu levaria para esquecer O desconcerto  
que o conjunto da obra me causou?  
A maior certeza diante do arranha-céu de não sei, era a  
de que precisaria de uma bússola  
com a sua partida iminente, ou iminentemente precisaria  
de uma bússola com a sua óbvia

partida...  
Sem menos, ela se foi!  
Mas não antes de um feudalismo de olhares ternos  
à casaco e souvenir de crochê...  
De tudo, negociamos!  
E aí,  
Ela se foi;  
E eu fiquei;  
Atracada, saudosista, melancólica e naufragada no  
mergulho raso do momento da frase "não  
monogâmica".<sup>7</sup>

---

**7 Regina Pereira:** sertaneja de São José de Piranhas -PB, é Artista Plástica, Produtora Cultural e Poeta. Estuda e aplica técnicas de reconstituição afetivas e emocionais de maneira poética através da arte concreta e escrita.

## MEU CORPO

Na sepulcral prisão do meu corpo,  
definha e agoniza o meu espírito,  
que tenta em vão lançar-se ao infinito,  
deixando da cadeia, só o oco.

Pois que há numa existência sem sentido,  
o dever de desvelar o ignoto,  
ou tornar-se-á mero proscrito,  
aquele cuja vida é um engodo.

Como poucos, conheço o precipício  
que arrebatou este meu pobre abrigo roto,  
restando tão somente o sacrifício  
da perdição em sendas sem escopo.

Viver traduz-se em inefável sonho mítico,  
que desfalece em mortal fétido fosso,  
sem que se tenha ao menos atingido,  
de Prometeu, o valioso fogo.

Ao vislumbrar tão torpe vazio,  
sinto que não vivo; morro,  
certo que a mim sobra o desvio,  
do qual padece meu desvalido corpo.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> **Kelderlange Bezerra Alves:** autor de poemas que buscam retratar dores e pesares presentes em determinados momentos da vida. Os versos são uma forma de expurgar o sofrimento interno e, assim, externado, o sofrimento ganha uma nova perspectiva e enseja a superação das dores da alma e do coração.

## IDENTIDADE

Tenho uma grande suspeita  
Acho que sou a própria poesia  
e por isso ninguém me respeita.

Há várias poesias por aí escritas  
em papéis e guardadas como ouro.

Mas sinto que eu esbanjo o que preocupam entender  
Eu intensifico cada gota do que chamam de sentimento.

As minhas lágrimas não transbordam conhecimento,  
Elas transbordam o que vem de dentro.

Se você me der uma flor, eu te darei um buquê  
E se me der um sorriso, faço questão de devolver.

Eu tenho desejo de sentir, mas sinto tantas coisas  
que fica difícil caber  
Tantas coisas que se assemelham com um vazio.

Quero ser alegre se puder,  
Triste quando bem entender  
E sensível quando amanhecer.

Sou uma poesia indiscreta,  
Desequilibrada ao ponto de ser incerta,  
Amável mas não o suficiente,  
Dramática e inconsequente,  
Mas tudo isso na tentativa de me expressar  
De demonstrar que a poesia não fala só de amar.

Eu não tenho culpa de  
não suprir com as expectativas de um leitor.

Sou uma poesia intensa e sensível  
E se não sabe lidar com isso  
Já sabemos o previsível.

Talvez você se veja no que é palpável  
Seu mundo não prevê erros,  
E sim o que pode ser prático e rápido.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> **Ana Jessica da Silva:** o seu primeiro contato com a poesia foi no slam do Instituto Federal de São Miguel. “Me apaixonei profundamente pelas palavras e desde 2020 me expresso através das letras.”

## DEUS NO FACEBOOK

Num desses acasos tremendos  
vi Deus on-line e puxei assunto.  
Deus, quero abreviar minha morte,  
peço para morrer dormindo.  
E Deus disse:  
Queres o mais fácil?  
sem emoção, sem dor, sem fotos,  
sem curtidas, compartilhadas, hastags...  
por que não espera mais um pouco?  
Olha ao teu redor, vê quanta banalidade!  
Já fizestes teu self hoje? Precisas te sentir lindo!  
Já vistes a tua linha do tempo,  
repleta de convites e postagens de encher o saco?  
Não vê a paralisia que te acomete,  
enquanto perdes horas a fio,  
queimando tua vista, acumulando gorduras,  
esmagando teus anéis vertebrais?  
Se queres antecipar tua morte, fazes por tua conta.  
Eu pouco me importo com as tuas maluquices.  
Aliás, vamos encerrar esta conversa.  
Não vi até agora nada que não seja teu egoísmo.  
Quando pensei em dizer...  
Deus ficou offline.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> **Carlos Gildemar Pontes:** Escritor. Doutor em Letras. Professor de Literatura da UFCG. Tradutor, revisor e ghostwriter. Coordena o Círculo de Pesquisa em Literatura, Estudos Decoloniais, Identidade e Mestiçagem CPLEDIM, UFCG-CNPQ; também coordena o Projeto de Extensão Diálogos Culturais Decoloniais. Tem 28 livros publicados.

## FEIRA LIVRE DE SANTA LUZIA (PB): UM LEGADO HISTÓRICO

No sertão da Paraíba, tem um canto de alegria,  
Santa Luzia resplandece, com sua feira todo dia.  
É um legado histórico, tradição e união,  
patrimônio do povo, orgulho do nosso chão.

Todo sábado bem cedo, antes do sol clarear,  
o povo vai se achegando, com coisas pra negociar.  
Barracas enfeitadas, produtos de todo tipo,  
feira livre é cultura, nossa história e nosso rito.  
Tem queijo, tem peixes, frutas e verdura,  
artesanato de renda, obra-prima da costura.  
Tapioca no fogão, carnes de todo tipo,  
a feira é uma festa, de todo o coração.

Sou filha de agricultores, na roça cresci a trabalhar,  
plantava e colhia feijão, milho, algodão, sem parar.  
Pegava pinha com a mão, umbu dos imbuzeiros e caju.  
Vendia galinha e ovos, desde cedo aprendi a lutar.

A feira é livre, recebe feirantes de todo lugar,  
no Parque do Forró, eventos fazem brilhar.  
No antigo espaço, o Mercado Público se ergueu,  
só saudades no coração, de tudo que ali viveu.

Histórias se misturam, em cada esquina da feira,  
gente simples, trabalhadora, de coragem verdadeira.  
Ali se compartilham risos, também as dores e amores,  
a feira é um espelho, de todos os seus atores.

Desde os tempos antigos, quando tudo começou,  
Santa Luzia crescia, e a feira acompanhou.  
Ponto de encontro antigo, de trocas e amizades,  
um legado de luta, resistência e verdades.  
O vaqueiro traz o couro, o artesão traz o bordado,  
a mulher vende a renda, tudo muito bem cuidado.  
O jovem aprende cedo, com as lições do avô,  
a feira é uma escola, onde a vida se formou.

O tempo vai avançando, mas a feira permanece,  
guardando na memória, o que o tempo não esquece.  
Cultura é história viva, povo em comunhão,  
feira livre de Santa Luzia, és orgulho do sertão.

Novos tempos, novas gerações, a tradição continua,  
embora não seja igual, seu espírito perpetua.  
Amo minha terra de origem, minha história a preservar,  
na feira livre de Santa Luzia, meu coração a pulsar.<sup>11</sup>

---

11 **Maria do Desterro Medeiros:** Mestranda em Ciências Sociais, Especialista em Educação Básica, Graduada em Ciências Sociais e Pedagogia. Encontra força e inspiração em suas origens, em sua história de vida, cultura e patrimônio, que compõem sua identidade, mantendo um compromisso profundo com a educação popular, inclusão social e história oral.



## ATRAVÉS DA ESTRADA DE POEIRA

Uma vez mais em minha trilha para casa  
Nem tudo de mim, mas o que restou  
Seguindo, entre a terra da estrada e o clarão do Sol  
Como um desgarrado vou  
Através da poeira, através desse mundo  
Vigiado pela cerca que corre ao meu lado,  
à minha frente, atrás de mim.

Seguido por um cachorro qualquer,  
Talvez do mundo, talvez mais um eu  
Se não tem patrão, eu não serei  
Já tenho, quase o larguei  
Ande em minha sombra, como quiser  
O que tenho é o que vêes em pé  
Não penso em continuar, apenas vou  
Sou um corpo teimoso  
Indeciso entre cair e andar.

Ao meu lado incontáveis árvores despedaçadas  
Em guarda, de arames adornadas  
São grades, são sombras quebradas  
Por trás delas, gado e só gado  
Uma plateia de cara fechada  
Vagando por campos ilimitados,  
plantados ou queimados  
A última árvore entre os vivos, mal lembro  
Foi a muitas braças, muitas passadas.

Escassas referências onde passo  
Um caminho indescritível sigo  
Paisagem simplificada, não tem nada

É uma pintura de poeira manchada  
Olho para ela, ela não sorri, nada me diz.  
Me perderia neste vento,  
se asfaltada fosse esta estrada  
Este rio de poeira me guia,  
sou um pescador regredindo  
Parti em um barco de coragem,  
volto à nado  
Nada de novo trago,  
apenas velhos trapos, suados ou rasgados  
Claro, tenho a extensão de meu braço, minha enxada  
Como meu juízo, desacunhada.

Desvio o olhar desta enfadonha estrada  
Casas ao longe, noutro passo, me olham  
Não tem receio em encarar-me  
Sou um naufrago qualquer nesta terra  
Especulam de onde vim, pois vou-me ligeiro  
Não importa o que sou  
A estrada fica, quem nela está, é passageiro.  
Meus sopros de lucidez me lembram do adiante  
Na memória, a mais formosa das casas  
Meu mundo em paredes de barro  
Em um dos fins dessa estrada,  
meu sonho de uma rede armada  
Um copo de água e o sorriso de minha amada  
Em verdade, no começo estava mais distante.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> **Gabriel Cosmo de Sousa:** Licenciando em Matemática, é aspirante a bom leitor, interessado pelas ciências e pela linguagem universal da matemática. A única obra a qual dedica plena atenção é a sua história de vida, sobre a qual reflete e escreve diariamente.

## ECOS DE DIONISIA : UMA ODE À MEMÓRIA E AO LEGADO

Nas veredas de Irará/Bahia,  
Onde o sol beija a terra,  
Nasceu Dionisia, uma flor negra da Bahia.  
Sua infância, tecida entre as linhas de Alagoinhas/Bahia,  
Foi um prelúdio de sua jornada.  
Com o coração repleto de esperança,  
E as mãos prontas para o trabalho,  
Ela partiu para Salvador/Bahia,  
A cidade das igrejas e do axé,  
Carregando seus sonhos juvenis.

Aos quinze anos,  
Dionisia cruzou os umbrais da vida adulta,  
Não como quem busca refúgio,  
Mas como quem desbrava novos mundos.  
Empregada doméstica, sim, mas acima de tudo,  
Guardiã de histórias que mais tarde se tornariam lendas.  
Em cada canto da casa que cuidava,  
Em cada sorriso que ofertava,  
Ela plantava a semente de narrativas  
Que floresceriam em seu grandioso quintal.

Seu quintal era um santuário,  
Um reino onde as flores dançavam ao sabor do vento  
E as árvores sussurravam segredos antigos.  
Ali, Dionisia reinava soberana,  
Contando histórias que faziam hesitar,  
O tempo, temeroso de atravessar,  
Momentos mágicos, da alma humana.  
Suas palavras eram pinceladas de vida,

Colorindo a tela do cotidiano  
Com matizes de sabedorias e resistências.

As tardes eram sagradas, e nelas,  
Dionisia tecia o manto da tradição oral,  
envolvendo-me em relatos  
Que eram mais do que entretenimento;  
Eram lições, eram heranças.  
Eu, ainda menino, absorvia cada palavra,  
cada pausa, cada riso e cada lágrima,  
Gravando-as na alma como quem grava  
Um epitáfio no mármore do tempo.

O ano de dois mil e dez chegou como um ladrão,  
Roubando a presença física de Dionisia,  
Mas não sua essência.  
Suas histórias, outrora narradas em voz alta,  
Agora ecoavam no silêncio do meu luto.  
Guardei-as na gaveta mais íntima do ser,  
Junto às lembranças de seu sorriso  
E da força que emanava de seu olhar.

A pandemia do covid-19, uma década depois,  
Trouxe consigo o isolamento e a reflexão.  
Enquanto o mundo lutava contra um inimigo invisível,  
Eu lutava contra o esquecimento.  
As histórias de Dionisia,  
trancadas a sete chaves na minha mente,  
começaram a bater nas portas do meu coração,  
Pedindo para serem libertadas.

Foi então que, em meio à febre e à incerteza,  
As memórias de minha avó retornaram

Com uma clareza avassaladora.  
Cada história, cada ensinamento,  
Cada gesto de amor e resistência,  
Ressurgiram, iluminando os dias sombrios da enfermidade.  
Dionisia, mesmo na ausência,  
Tornou-se minha companheira de quarentena,  
Minha cura e meu consolo.

Minha trajetória acadêmica,  
Do ensino médio ao mestrado  
na Universidade do Estado da Bahia (UNEB),  
Foi pavimentada com as histórias de Dionisia.  
Em cada aula, em cada livro, em cada desafio,  
Eu a encontrava...  
Ela estava lá, no tamborete da memória,  
Narrando suas histórias, enquanto eu,  
Paralisado pela saudade, degustava cada palavra.

Escrever tornou-se meu oxigênio,  
A maneira de manter Dionisia viva dentro de mim.  
Cada poema, cada linha, cada verso  
Era um encontro com ela,  
Um diálogo entre dimensões.  
A escrita era o meu tamborete,  
O meu quintal florido,  
O meu santuário de memórias.

Hoje...  
As histórias de Dionisia não estão mais confinadas  
Ao nosso quintal em Salvador/Bahia.  
Elas atravessaram fronteiras, ganharam o Brasil,  
E agora, através desta poesia,  
Buscam tocar corações desconhecidos.

Esta mulher, negra, nordestina, empregada doméstica,  
Mãe solo e vendedora de temperos na feira,  
Chamada Dionisia Ferreira Avenas,  
Tornou-se imortal através das palavras.

Cada estrofe desta ode é um tributo à sua vida,  
Uma celebração de sua jornada de Irará a Salvador.  
É um reconhecimento de sua luta,  
De sua força, de sua capacidade de transformar  
O ordinário em extraordinário.  
Dionisia, minha avó, minha vózinha, minha Doquinha,  
minha mestra, minha inspiração.

Ela me ensinou que escrever  
É também respirar e transpirar dores.  
É transformar a saudade em algo tangível,  
É dar forma ao amor que transcende a morte.  
É, acima de tudo,  
Um ato de resistência,  
Um ato de afirmação da vida.

Portanto, esta poesia não é apenas uma homenagem;  
É um manifesto.  
É a prova de que as histórias de Dionisia  
Não se perderam no tempo,  
Mas encontraram abrigo nas páginas da história.  
É a prova de que, mesmo na ausência,  
Ela continua a ensinar, a inspirar e a amar.

Dionisia vive em cada linha que escrevo,  
Em cada história que conto,  
Em cada aluno que ensino.  
Ela vive na escuta sensível,

Na arte de contar histórias,  
Na saudade que se transforma em criação.  
Ela vive, porque enquanto houver quem escreva,  
Haverá quem se lembre.

E assim, Dionisia Ferreira Avenas,  
Torna-se eterna.  
Não apenas em minhas poesias,  
Mas na memória coletiva de todos aqueles que,  
De alguma forma, foram tocados por sua história.  
Ela é prova de que, mesmo as vidas mais humildes,  
Podem deixar um legado poderoso.

Que esta poesia seja um convite  
Para que outros também encontrem suas Dionisias,  
Suas histórias, suas raízes.  
Que seja um convite para que  
A tradição oral continue viva,  
Passando de geração em geração,  
Como um fio que une passado, presente e futuro.

E que, ao final, possamos todos reconhecer  
O valor das pequenas histórias,  
Das vidas simples, dos quintais floridos.  
Que possamos entender que cada vida é uma poesia,  
Cada memória é uma estrofe,  
E cada palavra,  
É um sopro de eternidade.

Assim, encerro esta ode a Dionisia,  
Com a certeza de que ela nunca será esquecida.  
Pois enquanto houver quem escreva, haverá quem leia.

E enquanto houver quem leia, haverá quem sonhe.  
E enquanto houver quem sonhe, Dionisia estará lá,  
Contando suas histórias, Eternamente...<sup>13</sup>.

---

**13 Leonardo Assis de Almeida:** nascido sob o sol da bela Salvador/Bahia, filho de Edmundo Santiago, chamado Ray (pai), da doce Lindivalda Assis, carinhosamente Valda ou Moranguinho (mãe), e neto de Dionisia Ferreira Avenas. Desde os primeiros sopros de vida, nas fitas da infância, teceu seus primeiros versos poéticos, e hoje, adulto, floresce como escritor e poeta. Possui formação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Bacharel pela Universidade Católica Do Salvador (UCSal) e licenciado pela UNEB em Educação Física; Especialista em Educação Especial pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e atualmente mestrando pela UNEB.



## PERGUNTAS A UM PROFESSOR QUE LÊ

Quem construiu as sete utopias e os sete desejos  
quando desejar incomodava em qualquer Tebas?

Quem fez da palavra o sonho, a revolução?

Onde está o Pi, o Piaget,  
a prosa e o prazer?

Quem demonstrou aquela equação entre educar e  
construir mundos?

Quem fez do mundo, o laboratório rico de suas  
experiências muito humanas?

Onde estão os proletários da caneta, da fala, do saber?

E onde encontrar aquelas ideias e ideais que eram os  
blocos de pedra de um novo  
homem, de uma nova mulher?

Quem explicava o mundo como se fizesse a decifração de  
um enigma?

Quem contava histórias de opressão e de terror,  
e as denúncias de todos os males?

Quem falava da geografia de um mundo desigual,  
da matemática injusta do capital,  
da palavra certa como arma contra o mal?

Sim, naquele tempo havia um mal...

Hoje há muitos, e estão em todo lugar.

No salário que é um mal  
que não paga o sal,  
que é o doente terminal  
(e termina)  
de todo mês.

Na apatia geral,  
na palavra que não se escuta,  
na voz rouca, na caderneta, no tédio  
na sala e no trajeto,

no plano e no projeto.

E o professor que lê perdeu as respostas,  
e é preciso recuperar o gosto pela dúvida, pela incerteza,  
e continuar a conduzir novos blocos de pedra ao cume de  
um novo mundo,  
com e sem classe, com gênero e com etnia,  
geração, filho, filha, mulher, homens e todo o arco-íris de  
desejos.

Porque, apesar e por causa de todos os males,  
a Tebas ainda não ficou pronta.<sup>14</sup>

---

14 **Maciel Henrique Carneiro da Silva:** Sertanejo, professor e poeta, nasceu no Pajeú. É natural de Tuparetama (PE), “e minha mãe foi me botar no mundo em São José do Egito (PE)”. Desde cedo é ouvinte de cantoria em rádio, escutando a sua mãe glosar alguns versos, depois lendo, comprando CDs de poetas consagrados. Seus primeiros poemas se perderam nas mudanças da vida. Alguns foram publicados no livro *Retalhos & Bricolagens*. Publicou haicais na rede social *Instagram*.

## TREMORES

Esquecendo os dias,  
Percebendo as horas,  
Tua mão trêmula nos preocupa,  
Mas também nos faz tranquilizar.  
A hora da chegada parece com a da partida,  
Mas quem saberá o caminho a indicar?  
Dias após dias,  
Dores após dores,  
E agora já estamos a chorar.  
A lágrima fixa no rosto, mas já quer rasgar.  
Mesmo tu com tua força,  
Agora nos faz pensar:  
"E se?"  
Não teremos o passado,  
Pois, passando, vão os dias,  
E tua força agora é tua magia.  
Não queremos dizer adeus,  
Um "até logo" até pode ser,  
Mas não deixe de ir sem antes nos perdoar.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Ariel Guilherme Santana Tavares de Souza: jovem aspirante, escritor de poemas de versos livres; geralmente escreve para si mesmo. Porém, desde 2023, já posta alguns de seus poemas em sua página do Instagram. Participou do Sarau de 30 do IFPE - Campus Pesqueira em 2023.

## AS VÁRIAS FACES DA VIOLÊNCIA

A violência é composta  
por várias faces definidas  
todas elas causam dor  
e também muitas feridas  
no corpo e no coração  
e a sua indicação  
é a destruição da vida.

A violência sofrida  
é toda aquela que é vivida  
nem precisa encostar  
para um estrago causar  
basta ter boca e língua  
uma mente diabólica  
pra trazer danos a uma vida.

A violência psicológica  
que alguém chega a sofrer  
essa é uma das piores  
pois nem precisa bater  
afeta tudo que é necessário  
para um indivíduo saudável  
conseguir sobreviver.

A mente fica bagunçada,  
a vida já não vale nada  
já não se sente mais nada,  
senão vontade de morrer  
falta força e coragem  
tem o domínio, a inutilidade  
e tanto faz ser ou não ser.

Já a violência física  
é impossível de sarar  
mesmo que suma o hematoma,  
a marca permanecerá  
o medo fica invisível  
aumentando-se o risco  
de uma vida acabar.

Mesmo que fechem as feridas  
do corpo de uma vítima,  
tudo que foi sofrido  
não se consegue apagar  
o sangue já não escorre,  
mas o medo o corpo percorre  
e a alma continua a sangrar.

Muitas são as violências  
que nem sempre têm evidências  
não se escutam as crianças  
que perdem a esperança  
de um dia se salvar  
e assim ficam caladas  
por medo de apanhar.

São tantas as violências  
que alguém pode sofrer  
no corpo, na alma e na mente  
e não conseguem se defender  
às vezes pedem socorro,  
mas nem sempre são socorridos  
e ali ficam a padecer.

É difícil de escrever

sobre algo tão dolorido  
sabendo que muitos tem vivido  
histórias de amedrontar  
a sociedade se cala  
sendo preciso cores nos meses  
para o tema explanar.

É preciso ser mais sensível  
e deixar de ser ausente  
estar atento a tudo  
e identificar o diferente  
dar a mão a quem precisa  
escutar e apoiar  
e tentar salvar uma vida<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Valderice Amorim dos Santos: é estudante de música (canto coral), poetisa amadora. Escreve arieпоemas autobiográficos.

## QUANDO SE ENVELHECE SENDO JOVEM

Hoje tomei café na varanda  
do meu apartamento  
enquanto tomava um banho de sol  
das nove horas.  
Estava meio sem açúcar  
e desejei ser aquelas pessoas  
que gostam de café amargo.  
E também estava meio frio,  
um líquido espesso e granulado.  
Pra falar a verdade,  
eu nem mesmo gosto de café.  
Mas vai que dessa vez eu gostasse?  
Eu não gostei.  
E engoli toda aquela mistura mal filtrada  
com desgosto,  
como se fosse remédio,  
quase botando meu sanduíche misto para fora.  
É meu aniversário de 20 anos  
e esperava que, ao assoprar as velinhas,  
meu gosto fosse mudar magicamente.  
Eu esperava acordar gostando de café,  
por exemplo,  
gostando de livros mais chatos  
sobre autoajuda,  
temas mais entediantes  
ou qualquer outra coisa  
que esperam de pessoas adultas.  
Mas pelo que parece  
eu ainda sou eu.  
Eu ainda sou a pessoa que gosta de livros mais bestas,  
temas fantasiosos

e ama achocolatado.  
É estranho ser eu  
quando as pessoas esperam uma pessoa diferente,  
como se eu não pudesse performar minha personalidade  
por não se enquadrar na expectativa da minha idade.  
Vai ver o processo de se tornar sem graça  
seja lento como da fermentação do vinho,  
maturando aos poucos,  
se moldando sem pressa.  
Vai ver eu não tô no ponto certo  
e estou no meio do caminho,  
trabalhando,  
pagando minhas contas,  
lidando com minhas responsabilidades,  
ganhando algumas rugas  
e fios brancos precoces.  
E quem sabe um dia  
eu passe a trocar meu achocolatado  
por um café sem açúcar.  
Por agora,  
ser eu é suficiente.  
E se um dia trocar o achocolatado pelo café,  
que seja porque eu quis,  
e não porque o mundo quis decidir  
que era a hora de eu mudar.<sup>17</sup>

---

17 **Maria Clara Ramalho Medeiros:** desde criança é apaixonada pela escrita, utilizando a criatividade e a imaginação para dar vida a histórias e poemas. A escrita sempre foi uma forma profunda de conexão pessoal e de expressão. A temática favorita da autora é explorar as questões introspectivas sobre o mundo e a sociedade.



## TALENTOS PARAIBANOS

Às margens do rio, entre os canaviais,  
José Lins desenhou com mestria e brilho,  
A vida dos engenhos e seus ideais,  
Em páginas que ressoam qual estribilho.

Nos campos vastos, onde o vento entoa,  
O doce aroma da cana embriaga,  
E o homem, que à luta jamais se doa,  
Faz do trabalho a espada que o afaga.

Nos verdes mares de palmeiras altivas,  
A terra sussurra seus segredos crus,  
E o sol, nas auroras sempre criativas,  
Desvenda histórias em tons de azuis.

Zé da Luz, em versos de riso ligeiro,  
Canta o sertão, a roça e a aridez,  
Onde a seca esculpe o homem guerreiro,  
E a fé floresce em sua solidez.

Augusto dos Anjos, nas sombras profundas,  
Revela o brejo em tristes melodias,  
Onde a dor e o mistério, em formas fecundas,  
Transformam a vida em duras elegias.

Ser paraibano é ser mar de cana,  
É ter nos cenários a alma e o Norte,  
De Lins, Zé, Ariano, em voz que emana,  
A glória imortal de um povo forte.<sup>18</sup>

---

**18 Erivan Lopes Tomé Júnior:** É professor de Língua Portuguesa do IFPB Campus João Pessoa, Diretor de Cultura na Pró-reitoria de

## OLHARES, SABERES E SENTIDOS DO SERTÃO

Entre subidas e descidas,  
Vales e colinas,  
Seguia este trovador,  
Com passos firmes e apressados,  
Ouvindo histórias e relatos,  
Contos, estórias e fatos,  
Tudo no Sertão era, e é poesia.

No tempo em que fui criança,  
Na companhia do meu velho pai,  
Andando pelas veredas,  
Entre seixos e pedregulhos  
Que apanhávamos pelo chão  
Para atirar na ave Tiziu  
Que, por sorte, nenhuma pedra  
nosso intento nunca atingiu.  
Voa livre, Volatínia saltador!  
Voa livre, bate-estaca cantador.

No tempo seco da mata branca,  
Por onde passávamos, resistia firme:  
O xique-xique, o mandacaru e a macambira.  
E quando a chuva molhava a terra,  
E nela a relva florescia,  
Era tempo de renovo e magia.  
Mimosa pudica, não-me-toques, dormideira...  
“Fecha a porta malícia,  
teu pai morreu e sua mãe foi pra missa.”

---

Extensão e Cultura, Mestre em Linguística e Ensino, Especialista em Educação Inclusiva, Graduado em Letras pela UFPB.

Aqui neste Sertão o sol brilha reluzente,  
Refletindo a força de um povo valente.  
Sol que brilha no alto céu,  
Entre os cúmulos suspensos no ar  
Que bailam nos ares do inverno do Sertão,  
Fazendo a chuva cair neste chão  
E a jurema e o facheiro florescerem  
Fincados no solo delgado e rachado,  
Onde o capim rasteiro cresce em meio ao cascalho.

Neste chão da mata branca,  
Quando cai a chuva, o capim verde delinea o vale,  
Bordejando o leito do rio e dos riachos,  
Manancial que alivia o calor,  
Caatinga, mata branca,  
Que verdeja no inverno  
Seus arbustos e arvoredos,  
Paisagem onde o forte faz vereda,  
Lugar de tanta vida e beleza.

Jardim dos espinhos e das flores,  
Dos suculentos frutos das cactáceas,  
Onde crescem as bromeliáceas.  
Vejo flores a desabrochar,  
flores que as abelhas vêm beijar.  
E ao som dos passarinhos,  
Que cantam e fazem seus ninhos,  
Eu encontro o meu lugar.<sup>19</sup>

---

19 **Alexandre dos Santos Souza:** É doutor em Geografia pela UFPB. Professor e pesquisador do IFPB, Campus Catolé do Rocha. Tem experiência na área de Ensino de Geografia com ênfase em Geografia Física, Geociências, Geomorfologia e Educação Ambiental. Atualmente, tem pesquisado e desenvolvido atividades sobre Geografia Literária e descrição poética da paisagem.

## NAS NUVENS DESSE SONHO

Ah, meu amor, se tu soubesses por onde vagueiam meus pensamentos à procura do teu ser...  
No entanto, nada posso fazer, a não ser esperar por algo que sei que não irá se concretizar.  
Cada vez que me aproximo de ti, tu te afastas de mim de maneira inexplicável. Às vezes, penso que é inútil te amar! Mas, ao receber dos deuses o merecimento de contemplar tua beleza, começo a sonhar... sonhar com o único que consegue me deixar nas nuvens – nas nuvens desse sonho.<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> **Lidiane Cristina Félix Gomes:** é professora do IFPB, Doutora em Geografia, apreciadora de literatura e escritora amadora.



## SANGUE, SUOR E POESIA

Desde que tenho 14 anos o rio da poesia vem atravessando meu caminho, e destemido como sou não caminhei pela margem, mas me atirei na correnteza navegando ao sabor dos versos. Estive em vários locais desde 2008, quando arrumei minha pseudomala e fui conhecer e me deixar conhecer pelo mundo além da minha terra Natal - Bezerros-PE. Hoje um quarentão bon-vivant, carrego comigo muitas histórias para contar, mas também tenho ouvido muitas histórias de outras pessoas – principalmente em estrofes de poemas.

Este ano (2024) ajudei a produzir quase meia dúzia de livros, dos pariceiros, colegas e desconhecidos. E foi no projeto Poesia de Quarta que me descobri editor de livros, produtor de livros. E olhe que sou bibliotecário faz mais de uma década.

Aprendi com Jorge Larrosa<sup>21</sup> que conhecimento é aquilo que nos toca, nos atravessa, nos faz sentido, nos

---

<sup>21</sup> Pedagogo e professor de educação lotado na Universidade de Barcelona na Espanha.

possibilitando uma verdadeira espervivência. E se tem uma coisa que faz sentido na minha vida é a Extensão Cultural. E aqui estou eu em plenas férias laborais tecendo este texto e diagramando a coletânea para provar minha devoção à cultura. Digo isto porque na seleção desta edição do livro, equivocadamente, algumas pessoas não entenderam o que é este projeto, quem são as pessoas envolvidas e o sangue, suor e poesia que atravessa tudo isto. Prazer: - Daniel Andrade, mas não estou ao seu dispor - vim para trabalhar <com> e não <para> fulano ou sicrano. As pessoas precisam aprender a ler as regras que norteiam o jogo dos concursos, e saber aceitar que ninguém é melhor do que ninguém. Nenhuma pessoa se faz poeta na marra, aqui não é um ringue onde se trocam agressões, aqui é um jardim onde semeamos poetas e poemas.

Por fim, gostaria de agradecer aos avaliadores que dedicaram um pouco de seu valoroso tempo para avaliar os 42 poemas que recebemos este ano: Glayzianne Albuquerque Lacerda de França<sup>22</sup>, Pamela Lopes Diniz

---

22 Natural de Cajazeiras-PB, Assistente Social e leitora. Representou o público leitor de poesia na tríade de avaliadores;

Silveira<sup>23</sup> e Wagner Leal Guimarães<sup>24</sup>. Também gostaria de agradecer aos parceiros/pariceiros dessa jornada: Diego Nogueira Dantas, José de Arimateia Tavares, Rayssa Vitória Santos do Nascimento, Wagner Chrystoph Morais Lima e Naldinho Braga.

Espero editar e organizar muitas outras coletâneas Poesia de Quarta nos próximos anos.

Daniel Andrade (Pesqueira / Terra do Povo Indígena Xukuru do Ororubá / Pernambuco 16 de outubro dos meus 40 anos).

---

23 Natural de São Paulo-SP, Graduada em Letras - Língua Portuguesa pelo Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Mestranda em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA), da Área de Concentração Linguagem e Cultura, e da linha da Literatura Poéticas da palavra. Pesquisa na área de Análise do Discurso com base no Círculo Bakhtiniano, a partir de textos escritos por mulheres cis e trans do sertão nordestino brasileiro, como produções de slam poesia, rap e demais textos multimodalidades, orais, marginais e performáticos. Na tríade de avaliadores ocupou o lugar de jure especializado;

24 Natural de Alagoninha-PE, é professor de Matemática, técnico administrativo do IFPE e poeta cordelista, figurando em inúmeras publicações em folheto de cordel e em livros. Finalizando nossa ríade de avaliadores vem para fechar com chave de ouro trazendo o olhar do poeta para a avaliação.





# Índice

Poesia Aqui, Acolá, Alhures..., 5
Intenso, 12
Daddy issues, 14
As ruas que trafegamos, 15
O amor como tese, 17
Indo e vindo infinito, 19
Os verdadeiros olhos, 20
Assoalho, 24
Meu corpo, 26
Identidade, 27
Deus no Facebook, 29
Feira livre de Santa Luzia (PB): um legado histórico, 30
Através da estrada de poeira, 32
Ecos de Dionísia: uma ode à memória e ao legado, 34
Perguntas a um professor que lê, 40
Tremores, 42
As várias faces da violência, 43
Quando se envelhece sendo jovem, 46
Talentos paraibanos, 48
Olhares, saberes e sentidos do sertão, 49
Nas nuvens desse sonho, 51
Sangue, suor e poesia, 53



COLETIVO POESIA  
DE QUARTA

Este livro foi diagramado entre Bezerros-PE e Pesqueira-PE no verão de 2024, em formato 14,8 x 21. Foi impresso em papel Offset branco, 75g/m<sup>2</sup> e foi composto pelas fontes Manjari Thin, Waiting on the Bridge, Playlist Script, Intro Script e Open Sans.



Este livro foi produzido através do projeto de extensão IV Coletânea Poesia de Quarta, inscrito no EDITAL PROEXC / IFPB N° 01/2024, em parceria com a Biblioteca Prof<sup>a</sup> Maria do Rosário Sá Barreto (IFPE Campus Pesqueira) e o NEC / CFP / UFCG.



*O Poesia de Quarta nos presenteia com o contato com textos que já ganharam o mundo e também com uma produção poética exercitada por novos artesãos da palavra e que estão em busca dos primeiros voos literários. O projeto nos possibilita o sensível, o abraço, o sorriso, o exercício de dizer e de ouvir. É que bom que fazemos parte e nos alimentamos disso! Nos sentimos fortalecidos e protegidos pelas artes contra o 'muro' tecnológico que insiste em isolar pessoas, inviabilizando o olhar, o cheiro, o toque, o sentir. Por isso o Poesia de Quarta ser combustível para resistirmos ao caos que se estabelece a cada dia.*

**Prof. Naldinho Braga**

